

A DIFERENÇA ENTRE TOMISMO TRADICIONAL E TOMISMO TRADICIONALISTA.

*Ivanaldo Santos*¹ - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Abstract: The aim of this study is to present and to analyze the differences between traditional Thomism and traditionalist Thomism. In order to achieve this objective, the study was divided into three parts: Defining concepts: tradition and traditionalism; Traditional Thomism and traditionalist Thomism: conceptual differences; The difference between traditional Thomism and traditionalist Thomism. Finally, by way of conclusion, it is stated that both the traditional Thomism as the Thomism traditionalist have their mistakes and excesses, but these two expressions should be seen as a proof of the vitality of the (neo)Thomism, a proof that the (neo)Thomism is capable of causing extensive debates, disputes and controversies in society, in the Church and in the field of ideas.

Keywords: Traditional Thomism. Traditionalist Thomism. Differences.

Resumo: O objetivo desse estudo é apresentar e analisar as diferenças entre o tomismo tradicional e o tomismo tradicionalista. Para alcançar esse objetivo o estudo foi dividido em três partes: Definindo conceitos: tradição e tradicionalismo; Tomismo tradicional e tomismo tradicionalista: diferenças conceituais; A diferença entre tomismo tradicional e tomismo tradicionalista. Por fim, a título de conclusão, afirma-se que tanto o tomismo tradicional como o tomismo tradicionalista têm seus erros e excessos, mas essas duas expressões devem ser vistas como uma prova da vitalidade do (neo)tomismo, uma prova que o (neo)tomismo é capaz de provocar grandes debates, disputas e polêmicas na sociedade, na Igreja e no campo das ideias.

Palabras-clave: Tomismo tradicional. Tomismo tradicionalista. Diferenças.

INTRODUÇÃO

Nesse estudo não se fará uma revisão ou uma tentativa de estabelecer uma história do neotomismo. A título de marco teórico, afirma-se que o neotomismo teve oficialmente início com a publicação da encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII, no dia 4 de agosto de 1879, ou seja, na segunda metade do século XIX. Por isso, é possível concluir que, em tese, o neotomismo trata-se de um movimento cultural, místico e de ideias que se

1 Filósofo, pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

inicia na segunda metade do século XIX e chega, com vigor, até a segunda década do século XXI.

De acordo com vários estudiosos², a encíclica *Aeterni Patris* provocou uma grande profusão de estudos sobre a escolástica (também conhecida como neotomismo)³ e, por conseguinte, o surgimento de universidades e outros centros de estudos e de cultura voltados para a pesquisa em torno de temas que envolvem o pensamento escolástico e principalmente estudos sobre a obra de Tomás de Aquino (1225-1274), um pensador e místico cristão do século XIII. Nela o Papa Leão XIII recomenda, entre outras coisas, a restauração e um renascimento dos estudos escolásticos. Para ele, na modernidade, é preciso haver um renascimento dos estudos aprofundados sobre o homem, Deus, a natureza e o cosmo. É uma das melhores correntes filosóficas que podem proporcionar tal renascimento é a escolástica. Justamente a escolástica, que é a “[...] *filosofia*, da qual, sem dúvida, em grande parte depende a reta razão das outras ciências”⁴.

Em grande medida, sem entrar nas discussões sobre as origens e as causas mais remotas do surgimento do neotomismo, afirma-se que a publicação da *Aeterni Patris* provocou, como consequência, um *retorno aos estudos escolásticos-tomistas*⁵ e que, por causa disso, em muitos ambientes intelectuais e místicos, dentro e fora da Igreja, houve uma *revolução no campo dos estudos tomistas*⁶.

Um dos mais surpreendentes frutos do neotomismo é o desenvolvimento dentro do próprio movimento tomista, de duas correntes que, em muitos sentidos, possuem pontos comuns e profundas divergências. Essas duas correntes são o *tomismo tradicional* e o *tomismo tradicionalista*. Por isso,

2 Entre os estudiosos que demonstram a importância e a influência da encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII, citam-se: CAMPOS, F. A. *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 34-35. ROVIGHI, S. V. *História da filosofia contemporânea*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 650. HIRSCHBERGER, J. *História da filosofia contemporânea*. São Paulo: Herder, 1963, p. 128. COSTA, E. F. A atualidade de São Tomás de Aquino. In: *Estudos do Instituto de Pesquisas Filosóficas Santo Tomás de Aquino*. Recife: Círculo Católico de Pernambuco, 2001, p. 30.

3 Sobre a importância da encíclica *Aeterni Patris* para a renovação e a restauração do tomismo, recomenda-se consultar: ALENCAR, F. L. A Encíclica *Aeterni Patris* e o movimento de restauração da filosofia tomista. In: *The Chesterton Review*, Edição em Português, v. 2, n. 1, p. 107-134, 2010. DEZZA, P. *Alle origini del neotomismo*. Milano: Fratelli Bocca, 1940. LOBATO, A. León XIII y el neotomismo. In: BARQUILLA, J. B.; GARCIA, A. G. (Coord.). *León XIII y su tiempo*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, Servicio de Publicaciones, 2004.

4 PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris. Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*, n. 19. In: *Aquinate*, Niterói, 2010, p. 117-151.

5 TRUC, G. *Le retour à la Scolastique*. Paris: La Renaissance du Livre, 1919.

6 AMEAL, J. *A revolução tomista*. Braga, Portugal: Cruz, 1952.

o presente estudo tem por objetivo apresentar e analisar as diferenças entre o tomismo tradicional e o tomismo tradicionalista. Para alcançar esse objetivo o estudo foi dividido em três partes, sendo elas: 1) Definindo conceitos: tradição e tradicionalismo; 2) Tomismo tradicional e tomismo tradicionalista: diferenças conceituais; 3) A diferença entre tomismo tradicional e tomismo tradicionalista. Por fim, a título de conclusão, afirma-se que tanto o tomismo tradicional como o tomismo tradicionalista têm seus erros e excessos, mas essas duas expressões devem ser vistas como uma prova da vitalidade do (neo)tomismo, uma prova que o (neo)tomismo é capaz de provocar grandes debates, disputas e polêmicas na sociedade, na Igreja e no campo das ideias.

Apenas a título de esclarecimento, com a única meta de evitar polêmicas desnecessárias, afirma-se que o presente estudo é apenas uma comparação hermenêutica e investigativa sobre o tomismo tradicional e o chamado tomismo tradicionalista. No presente estudo não se aborda ou se analisa qualquer questão polêmica que envolva o tomismo tradicionalista, como, por exemplo, o uso do latim nas celebrações litúrgicas, a formação do clero, as críticas e controvérsias que existem em torno do Concílio Vaticano II e os diversos processos de negociações e as concordatas assinadas por alguns grupos tradicionalistas com a Santa Sé.

1. DEFININDO CONCEITOS: TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO.

É complexo definir tradição e tradicionalismo, até porque, em muitos aspectos, são conceitos e categorias teóricas que se confundem e se complementam. No entanto, de forma introdutória, procurar-se-á definir *tradição* e *tradicionalismo*.

Por *tradição* entende-se que é a “entrega constante, ao longo das gerações, de um patrimônio de valores comuns, mantidos em sua essência, corrigidos sempre que necessário e incessantemente aprimorados”⁷. Esse *patrimônio de valores comuns* é herdado do mundo antigo (egípcios, gregos, romanos, etc) e do cristianismo, principalmente da geração apostólica e neotestamentária.

Como afirma o famoso pensador da tradição, Antônio Sardinha, a tradição é a “permanência na renovação”⁸ ou como endossa Víctor Pradera, outro renomado investigador da tradição, por *tradição* deve-se entender o “passado que sobrevive e tem virtude para fazer-se futuro”⁹, uma espécie de “passado vivo”¹⁰ que, apesar de suas origens remotas nos séculos VIII e VII a.

7 BARBUY, V. E. V. Tradição e história. In: *Anais da X Semana de Filologia na USP*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015, p. 2.

8 SARDINHA, A. *Ao princípio era o Verbo*. 2 ed. Lisboa: Editorial Restauração, 1959, p. 10.

9 PRADERA, V. *O novo Estado*. Lisboa: Edições Gama, 1947, p. 15.

10 SALGADO, P. *O ritmo da História*. 3 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1978, p. 205.

D., renovado pelo advento do cristianismo, em tese, deve ser capaz de ajudar o homem a construir a sociedade e a cultura modernas.

A *tradição* é o espírito da conservação da cultura, dos valores éticos, da filosofia, da teoria política e jurídica herdada das sociedades antigas, especialmente da sociedade greco-romana. Na perspectiva de alguns teóricos, a Igreja é a instituição que, por essência e por dever ético, deve conservar, manter e propagar os valores morais, a cultura e o pensamento antigos. Sobre essa questão, é esclarecido:

[...] como já ocorreu 1.600 anos atrás [com o fim do Império Romano], é função da Igreja [...] *conservar* o imenso tesouro de sabedoria humana, já depurado pelo confronto com a Revelação, que compõe o currículo de humanidades clássicas. [...]. Quer dizer *conservar* o valor da vida humana, o valor da mulher, [...], o valor da hierarquia, o valor do respeito à sabedoria dos idosos, etc. E conservar Cícero, Dante, Ortega. E, por que não, mesmo que como exemplo negativo, Rawls, Marx ou Rand?¹¹.

Nesse sentido, a tradição não representa uma pura e absoluta volta ao passado ou então à predominância, nas novas gerações, de um espírito saudosista que, muitas vezes, impede o aperfeiçoamento sociocultural. Por causa disso, é bom ter em mente que:

Tradição é uma coisa; saudosismo, outra. A tradição vivifica; o saudosismo mata. A tradição é um olhar que se deita para trás, a fim de buscar inspiração no que os nossos maiores fizeram de grande e imitá-los ou superá-los. O saudosismo é o olhar condenado da mulher de Lot, que transforma em estátua de sal. A tradição é um impulso que vem do fundo das idades mortas dado pelas grandes ações dos que permanecem vivos no nosso culto patriótico. O saudosismo é um perfume de flores fanadas que envenena e enerva. A tradição educa. O saudosismo esteriliza. [...]. Da tradição nos vêm gritos de incitamento. Do saudosismo nos vêm lamentos e jeremiadas. Uma

11 RAMALHETE, C. Tradição, tradições, conservadorismo. In: *Deus Lovult*, 30/03/2012, p. 2.

nação se constrói com aqueles gritos e se perde com essas lamentações.¹²

Já por *tradicionalismo* deve-se entender um sistema filosófico e/ou político-cultural que coloca a tradição como critério e regra de decisão, entendendo-a como o conjunto de hábitos e tendências que procuram manter uma sociedade no equilíbrio das forças que lhe deram origem¹³. Segundo os pensadores tradicionalistas, as sociedades não resultam de um ato de exclusiva vontade individual ou de uma imposição deliberada de um grupo social. Consideram que a sociedade é uma criação e não uma construção ou um mecanismo. Sendo uma criação, a sua existência é condicionada por leis naturais¹⁴.

É possível se datar o surgimento do *tradicionalismo* no século XVIII, com o advento da modernidade e especialmente com a revolução francesa. A partir desse período histórico, uma série de pensadores, considerados conservadores, passaram a criticar as principais correntes do pensamento moderno, como, por exemplo, o iluminismo, o positivismo, o marxismo e as ideias republicanas. Além disso, esses pensadores passaram, em certo sentido, a criticar a democracia, a sociedade liberal e passaram a defender o retorno da monarquia-cristã como uma forma de superar as diversas crises que se abateram nas sociedades ocidentais, entre essas crises citam-se: a decadência moral e a decadência do espírito religioso, especialmente a decadência do cristianismo.

Entre os grandes pensadores tradicionalistas, citam-se: Joseph-Marie de Maistre, Louis-Gabriel Ambroise, Félicité Robert de Lamennais. Em Portugal, durante o século XX, destacaram-se, como pensadores tradicionalistas, que influenciaram o Brasil e outros países, Luis de Almeida

12 BARROSO, G. *Espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 263-264.

13 JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 270.

14 Sobre a lei natural, recomenda-se consultar: FINNIS, J. *Lei natural e direitos naturais*. São Leopoldo: UNISINOS, 2007. SOUSA, J. P. G. *Direito natural, direito positivo e Estado de direito*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1977. MARITAIN, J.; COUTINHO, A. *Os direitos do homem e a lei natural*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. MARTINS, I. G. S. Lei positiva e lei natural. In: *Caderno de Direito Natural*, Pará, n. 1, p. 27-37, 1985. Sobre as influências e as relações entre a obra de Tomás de Aquino e a lei natural, recomenda-se consultar: CORRÊA, A. *Há um Direito Natural? Qual o seu conteúdo?*. In: CORRÊA, A. *Ensaios políticos e filosóficos*. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1984, p. 5-43. CORRÊA, A. Concepção tomista do direito natural. In: CORRÊA, A. *Ensaios políticos e filosóficos*. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1984, p. 141-250. CORRÊA, A. S. Tomás e o regime da lei. In: CORRÊA, A. *Ensaios políticos e filosóficos*. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1984, p. 319-322. FINNIS, J. *Direito natural em Tomás de Aquino*. Porto Alegre: Safe, 2007.

Braga, autor, dentre outras obras, de *O culto da tradição*¹⁵, um dos mais importantes livros que expõem a doutrina tradicionalista, Antonio Sardinha e Hipólito Raposo.

2. TOMISMO TRADICIONAL E TOMISMO TRADICIONALISTA: DIFERENÇAS CONCEITUAIS.

Inicialmente afirma-se que, para os fins do presente estudo, toma-se o termo *tomista* de forma bem ampla, ou seja, por tomista¹⁶, entendem-se os estudiosos, do passado e do presente, que se dedicaram e se dedicam a investigar a obra de Tomás de Aquino, assim como os pensadores, místicos e líderes políticos, de todas as escolas e matrizes teóricas, que, ao longo da história, foram e ainda são influenciados pelo *corpus* tomista.

Isso não significa que qualquer livro que exponha algum ângulo da obra de Tomás de Aquino possa ser enquadrado como estudo tomista. É preciso ver que existem livros que, apesar de usarem o nome e a obra do Aquinate, não são e não podem ser classificados como estudos tomistas. O motivo é que são livros que, em muitos aspectos, negam, deturpam e procuram destruir a obra do Aquinate. Um bom exemplo disso é o livro *Tomás de Aquino e a nova era do espírito*¹⁷, um livro que defende que o Aquinate é uma espécie de início ou abertura para a sociedade secular, neopagã ou pós-cristã, uma tese que não encontra qualquer fundamento na obra de Tomás de Aquino. É um livro que cita o nome *Tomás de Aquino*, mas, o seu conteúdo, nega, com radicalidade, a obra do Aquinate. O motivo disso é que um livro que aponta para o triunfo da sociedade neopagã ou pós-cristã não é um livro verdadeiramente tomista, pois, deve-se ter em mente o “fato de ser o tomismo a filosofia que melhor se harmoniza com a mensagem cristã, à medida que, filosoficamente, nos subministra uma visão cristã do mundo”¹⁸.

15 BRAGA, L. A. *O culto da tradição*. Coimbra: França Amado, 1916.

16 Com relação ao ser *tomista* e/ou pesquisador e estudioso da obra de Tomás de Aquino, recomenda-se consultar: FAITANIN, P. A filosofia tomista In: *Aquinate*, Niterói, n. 3, 2006, p. 133-146. FAITANIN, P. O que é tomismo? In: *Instituto Aquinate*, 2010. Disponível em <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Tomismo-significado/tomismo-significado3edicao.htm>. Acessado em 16/03/2010. ELÍAS DE TEJADA, F. Porque somos tomistas: da Teologia à Política. Comunicação apresentada ao Convegno di Studi per la celebrazione di San Tommaso d’Aquino nel VII Centenario, realizado em Gênova em 1974. In: *Hora Presente*, ano VI, n. 16, São Paulo, setembro de 1974, p. 93-103. DIAS, J. C. Por que ser tomista? In: *Lumen Veritatis*, Revista de Inspiração Tomista, n. 1, outubro/dezembro 2007.

17 JOSAPHAT, C. F. *Tomás de Aquino e a nova era do espírito*. São Paulo: Loyola, 1998.

18 FERNANDO, A. C. Posição do tomismo na história do pensamento filosófico. In: *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 28.

Por isso, entende-se que o *ser tomista*, ser um investigador e/ou um pensador influenciado pelas ideias de Tomás de Aquino, inclui, em grande medida, a descrição, a fidelidade e o domínio dessas ideias.

Ainda não existe um conceito fechado ou uma discussão hermenêutica mais profunda sobre o que seja um *tomismo tradicional* e um *tomismo tradicionalista*. Em grande medida, são formas de manifestação do tomismo que se complementam e, paradoxalmente, se afastam. Por isso, é possível afirmar que existem, em algum sentido, elementos do tomismo tradicional dentro do tomismo tradicionalista e vice-versa. São formas de manifestação do tomismo que muito ajudaram a promover e a demonstrar a atualidade da obra de Tomás de Aquino¹⁹, que não se trata de uma obra presa a Idade Média, que não é uma obra distante do ser humano e dos conflitos socioculturais.

Em certo sentido, o tomismo tradicional é herdeiro da escolástica e do tomismo desenvolvido no século XIII e na Idade Média, um tomismo que foi, em muitos aspectos, criticado, sufocado e até abandonado pelas escolas de pensamento e pelos modismos intelectuais oriundos e produzidos na modernidade.

De um lado, o tomismo tradicional realiza uma leitura, uma exegese e uma interpretação rigorosa da obra de Tomás de Aquino. Nesse sentido, é uma forma de manifestação do tomismo que se “apega ferrenhamente”²⁰ ao *corpus* tomista. Do outro lado, ele funciona como um método de investigação da obra de Tomás de Aquino e, por causa disso, promove um diálogo com pensadores modernos, como, por exemplo, Emmanuel Kant (o tomismo transcendental)²¹, Edmund Husserl (o tomismo fenomenológico)²² e com Martin Heidegger (o tomismo heideggeriano)²³.

19 Sobre o tema da atualidade do tomismo, recomenda-se consultar: BEUCHOT, M. A atualidade da filosofia tomista para a filosofia analítica. In: *Ágora Filosófica*, ano 10, n. 1, jan./jan. 2010, p. 95-109. BARBUY, V. E. V. Importância e atualidade da obra de Santo Tomás de Aquino. In: POVEDA, I. M. *Aspectos do direito na obra de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: USP, 2013. FABRO, C. Santo Tomás de Aquino: ontem, hoje e amanhã (entrevista concedida à revista *Palabra*, n. 103, Madrid, março de 1974). In: *Hora Presente*, ano VI, n. 16, São Paulo, setembro de 1974, p. 246-254. FAITANIN, P.; ALARCÓN, E. *Atualidade do tomismo*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2008. PIEPER, J.; JAKOSCH, A. A atualidade da escolástica: uma retrospectiva (1959). In: *Lumen Veritatis*, Revista de Inspiração Tomista, v. 6, n. 25, p. 101-108, 2013. MONDIN, B. *Grandeza e atualidade de São Tomás de Aquino*. Bauru: EDUSC, 1998. COSTA, E. F. *A atualidade de São Tomás de Aquino*. op., cit, 2010.

20 FERNANDO, A. C. Posição do tomismo na história do pensamento filosófico. op., cit, p. 27.

21 Sobre o tomismo kantiano, recomenda-se consultar: DE MIRANDA, M. C. T. *O ser da matéria: estudo em Kant e Tomás de Aquino*. Recife Universitária, 1976.

Em grande medida, esse diálogo com pensadores modernos, com a filosofia e os problemas contemporâneos possibilitou que o tomismo, seja o tomismo tradicional ou outra vertente do movimento tomista, criticasse, dialogasse e ajudasse ao homem e a sociedade moderna a encontrar caminhos de solução, pacificação e até mesmo de superação dos conflitos e problemas oriundos da modernidade.

Por causa dessa e de outras características, as quais não serão abordadas nesse estudo, que o tomismo tradicional, muitas vezes, também é conhecido como “tradicionalismo moderado”²⁴, um tomismo moderado voltado tanto para as questões tradicionais e históricas do tomismo (a relação entre a fé e a razão, a Igreja, a formação do clero, a ciência, etc), como também para os problemas e polêmicas contemporâneas (o secularismo, a sociedade neopagã, a ética, os conflitos internos da Igreja, a arte, a cultura, a ciência moderna, etc).

Dentro do tomismo tradicional, também conhecido como *tradicionalismo moderado*, destacam-se importantes pensadores do século XX, entre eles citam-se: Étienne Gilson²⁵, Cornelio Fabro²⁶ e Jacques Maritain²⁷.

DA SILVEIRA, C. F. G. C.; SOUZA SALLES, S. Natureza humana e projeto: o pseudodilema kantiano e a originalidade tomista. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, p. 391-410, 2012.

22 Sobre o tomismo fenomenológico, recomenda-se consultar: STEIN, E. ¿Qué es filosofía?: *un diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2001. QUADROS, E. M. O método fenomenológico e a mística. In: *Revista Espaço Acadêmico*, v. 13, n. 149, p. 36-42, 2013.

23 Sobre o tomismo heideggeriano, recomenda-se consultar: HEIDEGGER, M. *História da filosofia, de Tomás de Aquino a Kant*. Petrópolis: Vozes, 2009. CAPUTO, J. D. Heidegger e a teologia. In *Revista Perspectiva Filosófica*, v. 2, p. 26-36, 2007. LEPARGNEUR, H. Heidegger e Tomás de Aquino: uma alternativa no tocante ao ser. In: *Síntese*, Revista de Filosofia, v. 25, n. 81, 2015. MARTINS, D. S. Tomás e Heidegger. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, p. 21-44, 1953.

24 VÉLEZ-RODRÍGUEZ, R. Panorama do pensamento político brasileiro na contemporaneidade. In: *Pensado de La Mancha*, 2015, p. 13.

25 Sobre a importante obra de Étienne Gilson ao comentar e problematizar Tomás de Aquino, recomenda-se consultar: GILSON, É. *Le thomisme: introduction au système de Saint Thomas*. 6 éditions. Paris: Vrin, 1964. GILSON, É. *Études de philosophie médiévale*. Strasbourg: Université de Strasbourg, 1921. GILSON, É. *Saint Thomas d'Aquin*, Paris: Gabalda, 1925. GILSON, É. *Christianisme et philosophie*. Paris: Vrin, 1936. GILSON, É. *Réalisme thomiste et critique de la connaissance*. Paris: Vrin, 1939. GILSON, É. *A existência na filosofia de São Tomás*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1962. GILSON, É. *Saint Thomas moraliste*. Paris: Vrin, 1974.

26 Sobre a fundamental obra de Cornelio Fabro ao comentar a obra do Aquinate, recomenda-se consultar: FABRO, C. *The metaphysical notion of participation according to St. Thomas Aquinas*. Turin: Scientifche Italiane, 1939. FABRO, C. *Breve introduzione al Tomismo*. Roma: Desclée, 1960. FABRO, C. *Partecipazione e causalità secondo S. Tommaso D'Aquino*. Tirin: S.E.I., 1960. FABRO, C. *Esegesi tomistica*. Roma: Pontificia Università Lateranense, 1969. FABRO, C. *Tomismo e pensiero moderno*. Roma: Pontificia Università Lateranense, 1969.

No artigo *Panorama do pensamento político brasileiro na contemporaneidade*, Ricardo Vélez-Rodríguez cita uma pequena lista de importantes intelectuais brasileiros do século XX que, a princípio, podem ser considerados como estudiosos do tomismo numa versão do tomismo tradicional ou então de um *tradicionalismo tomista moderado*. Trata-se de “representantes do pensamento católico, [...], estudiosos, principalmente, da *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino”²⁸. Vale salientar que a lista apresentada por Ricardo Vélez-Rodríguez não é algo definitivo e, ainda por cima, é sujeita a críticas.

Na lista apresenta por Ricardo Vélez-Rodríguez encontram-se os nomes de Leonardo Van Acker²⁹, Fernando Arruda Campos³⁰, Dom Odilão Moura³¹, Urbano Zilles³² e o pesquisador mais prolífero e mais questionável da lista, trata-se de Henrique Cláudio de Lima Vaz³³.

FABRO, C. *Karl Rahner e l'ermeneutica tomística*. Piacenza: Divus Thomas, 1972. Para alguns estudos que demonstram a centralidade do Aquinate na obra de Cornelio Fabro e, ao mesmo tempo, como a sofisticada interpretação que Fabro fez dessa obra, recomenda-se consultar: FERRARO, C. Panorâmica fabriana. In: *Aquinate*, Niterói, n. 4, 2007, p. 136-142. SANGUINETE, J. J. Santo Tomás y el pensamiento moderno según Cornelio Fabro. In: *Sapientia*, n. XVII, 2011, p. 289-296. BENAVIDES, C. E. O ser em Tomás de Aquino desde la perspectiva de Cornelio Fabro. In: *Azatea*, Revista de Filosofía, n. 16, 2014, p. 111-131.

27 Sobre a pesquisa e a interpretação que Jacques Maritain fez da obra de Tomás de Aquino, recomenda-se consultar: MARITAIN, J. El humanismo existencial de Santo Tomás De Aquino. In: *Estudios de Filosofía*, n. 1, p. 11-26, 2012. MARITAIN, J. *Visión tomista de la educación*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2001. Sobre a importância, a influência e o tomismo desenvolvido por Jacques Maritain, recomenda-se consultar: POISSON, J. M. H. Jacques Maritain en el tomismo contemporáneo. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2002.

28 VÉLEZ-RODRÍGUEZ, R. Panorama do pensamento político brasileiro na contemporaneidade. op., cit, p. 13.

29 Sobre a produção tomista de Leonardo Van Acker, consultar: VAN ACKER, L. *O tomismo e o pensamento contemporâneo*. São Paulo: Convívio, 1983.

30 Sobre a produção tomista de Fernando Arruda Campos, consultar: CAMPOS, F. A. *Tomismo e neo-tomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968. CAMPOS, F. A. *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989. CAMPOS, F. A. *Tomismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998.

31 Sobre a produção tomista de Dom Odilão Moura, recomenda-se consultar: MOURA, D. O. *Ideias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1987.

32 Sobre a obra tomista de Urbano Zilles, recomenda-se consultar: ZILLES, U. A filosofia neotomista e sua influência no Brasil. In: *Grandes tendências da filosofia do século XX e sua influência no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

33 Sobre a produção tomista de Henrique Cláudio de Lima Vaz, recomenda-se consultar: LIMA VAZ, H. C. Fisionomia do século XIII e São Tomás de Aquino. In: *Presença Filosófica*, São Paulo, n. 1-3, p. 21-39, 1974. LIMA VAZ, H. C. Tomás de Aquino: pensar a metafísica na aurora de um novo século. In: *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 23, n. 73, p. 159-207, abr./jun. 1996. LIMA VAZ, H. C. Presença de Tomás de Aquino no horizonte

O estudioso Henrique Cláudio de Lima Vaz merece um capítulo a parte na história do tomismo no Brasil e até mesmo na história das ideias produzidas no país. O motivo disso é que, em muitos aspectos, ele é considerado o “maior filósofo brasileiro. De suas mãos saiu a mais consistente obra filosófica já produzida no Brasil”³⁴. Sem dúvida, a gigantesca obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz é uma das formas de se demonstrar, ao menos no Brasil, a vitalidade e a importância do Aquinate.

No entanto, é questionável se realmente a obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz possa ser enquadrada ou classificada como um tomismo tradicional ou um tradicionalismo tomista moderado. Existem muitos motivos para esse questionamento, os quais são serão apresentados no presente estudo.

No entanto, apenas a título de exemplo dos tipos de questionamentos que podem ser encontrados na obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz, apresenta-se um grave problema encontrado no artigo *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*. Trata-se de um artigo bem escrito, com alto teor de erudição e que apresenta o importante papel da obra de Tomás de Aquino no ambiente filosófico do século XXI. O problema é que nesse artigo, Henrique Cláudio de Lima Vaz vê a obra do Aquinate apenas como uma *porta*, um caminho necessário para a conservadora sociedade cristã poder adentrar a até mesmo aceitar os valores e as ideias da modernidade, um conjunto de ideias que, em sua essência, são anticristãs. Nesse sentido, pergunta-se, apenas a título de ilustração, em que sentido é possível se afirmar ou classificar a obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz como tomista tradicional?

filosófico do século XXI. In: CALIMAN, C. (Org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 36-60. LIMA VAZ, H. C. A metafísica da ideia em Tomás de Aquino. In: *Síntese*, Belo Horizonte, v. 28, n. 90, p. 5-16, jan./abr. 2001. LIMA VAZ, H. C. Tomás de Aquino e o destino da metafísica. In: OLIVEIRA, M.; ALMEIDA, C. (Orgs.) *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 37-63. LIMA VAZ, H. C. Situação do tomismo. In: *Vozes*, Petrópolis, v. 59, n. 12, p. 892-907, dez. 1965. LIMA VAZ, H. C. Tomismo no Brasil. In: *Verbo: enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Vol. 17. Lisboa: Editorial Verbo, 1975, p. 1659-1667. Com relação aos estudos que foram realizados e que comentam e demonstram a importância da pesquisa tomista de Henrique Cláudio de Lima Vaz, recomenda-se consultar: OLIVEIRA, J. A. O. Presença de Tomás de Aquino no pensamento de H. C. de Lima Vaz. In: *Aquinate*, Niterói, n. 20, p.11-27, 2013. ALMEIDA, P. O. A doutrina do juízo em Lima Vaz. In: *Pensar*, v. 2, n. 1, 2011, p. 52-78. ALMEIDA, P. O. De Hegel a Tomás de Aquino: Lima Vaz e o tomismo transcendental. In: *Anais do XVI Encontro Nacional da ANPOF*. São Paulo: ANPOF, 2014. CAMPOS, S. L. B. Henrique Cláudio de Lima Vaz: do pensamento tomista ao pensamento tomásico. In: *Filosofante*, 2012, p. 1-13.

34 PERINE, M. Violência e niilismo. O segredo e a tarefa da filosofia. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 106, dez. 2002, p. 108.

Já o *tomismo tradicionalista*, assim como o tomismo tradicional, tem como centro de suas preocupações o estudo e a pesquisa acurada e disciplinada da obra de Tomás de Aquino. Nesse sentido, também existe no tomismo tradicionalista um *apego ferrenho* ao *corpus* tomista.

Em muitos aspectos, o tomismo tradicionalista realiza o desejo expresso pelo Papa Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, ou seja, a necessidade de criticar os erros “filosóficos da modernidade”³⁵, pois, segundo Leão XIII, a “sociedade civil se encontra em grave perigo”³⁶. E esse perigo é oriundo de um grande número de doutrinas “cheias de erros e falácias”³⁷, as quais caem no “absurdo de afirmar que a distinção do verdadeiro e do falso não conduz à perfeição da inteligência”³⁸. Nesse sentido, o tomismo tradicionalista é uma expressão muito crítica, até radical, do movimento tomista e da própria história das ideias.

No entanto, assim como no conceito de *tradicionalismo*, apresentado nesse estudo, o tomismo tradicionalista realiza uma crítica e até mesmo a não aceitação da modernidade. Por isso, essa expressão do tomismo critica as correntes de pensamento moderno (iluminismo, positivismo, marxismo, etc), critica as ideias republicanas, o secularismo, o princípio do Estado laico, a cultura liberal, as mudanças litúrgicas promovidas pelo Concílio Vaticano II na Igreja, a formação do clero católico na sociedade moderna, o clima liberal de algumas faculdades e centros de estudos da Igreja e as correntes da teologia católica moderna, acusadas, pelos pensadores tradicionalistas, de se afastarem dos princípios evangélicos, do magistério e da doutrina da Igreja. Entre essas corrente teológicas é possível citar, por exemplo, a teologia da morte de Deus, a teologia liberal, a teologia do secularismo e a teologia da libertação. Além disso, o tomismo tradicionalista realiza uma defesa, dentre outras coisas, da monarquia, da prática dos mais nobres valores éticos, da Idade Média, da arte sacra, da música sacra, incluindo o canto gregoriano, e da cultura tradicional cristã.

Em muitos ambientes socioculturais e até mesmo em ambientes dentro da Igreja é comum se ver o tradicionalista como uma pessoa conservadora, rancorosa e cheia de preconceitos sociais. No entanto, uma aproximação mais radical com o tradicionalismo se verá que essa visão é limitada e estereotipada.

35 ROVICH, S. V. *História da filosofia contemporânea*. op., cit, p. 649.

36 PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. *Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*, op., cit, n. 51.

37 PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. *Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*, op., cit, n. 16.

38 PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. *Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*, op., cit, n. 17.

É preciso ter uma percepção mais próxima do que de fato é um tradicionalista. É preciso ter em mente que:

[...] *católicos tradicionalistas* designam a si mesmos dessa forma por causa de sua adesão às tradições da Igreja. [...]. O tradicionalismo não é uma negação. Ele não é uma recusa. Ele não é um apontar de dedos seguido de “você está errado!”. [...]. Ele é um católico que afirma as verdades dogmáticas, os ensinamentos morais e às tradições litúrgicas da Igreja.³⁹

Em grande medida, o tomismo tradicionalista é profundamente influenciado pelo ambiente cultural e pelos grupos de estudos que se formaram em torno do neotomismo que se desenvolveu no início do século XX e que, com grande força, chegou até a década de 1950⁴⁰. No entanto, é preciso perceber que não se pode confundir a “[...] cultura clássica [defendida e propagada pelo tomismo tradicionalista], com a moda de 1950”⁴¹. Lamentavelmente muitos grupos tradicionalistas pensam que a tradição é a permanência de uma espécie de moda, de costumes (forma de vestir, músicas, etc) da década de 1950, considerada, erradamente, como a *era de ouro* do tradicionalismo.

É preciso ter consciência que o tomismo tradicionalista tem por missão central a permanência da tradição na sociedade contemporânea e neopagã. E por *permanência* deve-se entender a manutenção dos princípios imutáveis e inegociáveis que tão sustentação a vida humana e a sociedade cristã. Sobre essa questão, enfatiza-se:

O fato de haver uma diferença entre a Tradição – que é fundamentalmente doutrinal – e tradições – aplicações provadas pelo tempo desta Tradição ao mundo, dela dependentes e a ela apontando – não faz com que nem se justifique um minimalismo doutrinal que as tornaria irrelevantes nem, muito menos, com que se possa acusar todo conservadorismo de confusão entre aquela e estas. Num momento como este em que vivemos, em que os poderosos tentam criar uma sociedade nova a golpes de leis e novelas, o conservadorismo nada mais é que o

39 MARIE, I. A. O que é um tradicionalista? In: *Fratres in Uum*, 02/04/2012, p. 1-2.

40 BETTENCOURT, D. E. Lefebvristas, neotomismo e a Igreja. In: *Pergunte e Responderemos*, fevereiro de 2002.

41 RAMALHETE, C. Tradição, tradições, conservadorismo. op., cit, p. 3.

reconhecimento de que “qualquer evolução dos costumes e qualquer gênero de vida devem ser sempre mantidos dentro dos limites impostos pelos princípios imutáveis fundados nos elementos constitutivos e nas relações essenciais de cada pessoa humana, elementos e relações que transcendem as contingências históricas” (Dz-H 4580; é Paulo VI). [...]. Como filhos fiéis da Igreja, o nosso dever é procurar *conservar*, sim, o que resta da civilização cristã, até para que no futuro mais ou menos próximo possa se erigir *outra* civilização cristã.⁴²

As origens do tomismo tradicionalista remontam ao final do século XIX e, por conseguinte, a uma leitura renovada e, muitas vezes, fideísta da obra de Tomás de Aquino, especialmente a leitura da *Suma teológica*. Essa leitura foi impulsionada pela encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII.

Durante grande parte da primeira metade do século XX intelectuais ligados ao tomismo tradicionalista criticaram aspectos distintos da modernidade e lutaram para preservar e até mesmo restabelecer os princípios e os valores cristãos que foram abandonados pela sociedade moderna. Era uma luta, quase diária, para “[...] restaurar e promover a cultura e a civilização católica”⁴³, pois, na perspectiva tradicionalista, numa sociedade marcadamente secular e até mesmo neopagã é preciso que se afirme, de forma resoluta, que “[...] sem o auxílio da graça, não é possível permanecer duravelmente no conhecimento e na prática de todos os Mandamentos”⁴⁴.

Entretanto, o grande impulso para a organização, o crescimento e a difusão, em escala internacional, do tomismo tradicionalista foi a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Para os fins do presente estudo, afirma-se que não será apresentado nenhum histórico ou exegese do Concílio Vaticano II. Em grande medida, existe amplo material (livros, manuais, artigos científicos, etc) sobre a história e as diversas exegeses do Concílio Vaticano II. Esse concílio realizou uma grande reestruturação da liturgia, da estrutura e da pastoral da Igreja, foi o maior conjunto de mudanças realizadas desde o Concílio de Trento (1545-1563). Alguns estudiosos do concílio chegam a afirmar que se trata, na prática, do maior conjunto de mudanças que a Igreja sofreu desde a sua fundação realizada por Jesus Cristo no século I d. D..

É esclarecido que, a princípio, todo cristão, seja tomista ou não-tomista, é um tradicionalista, pois possui e está mergulhado, pelo batismo cristão,

42 RAMALHETE, C. Tradição, tradições, conservadorismo. op., cit, p. 1-2.

43 OLIVEIRA, P. C. *Revolução e Contra-Revolução*. 4 ed. São Paulo: Artpres, 1998, 59.

44 OLIVEIRA, P. C. *Revolução e Contra-Revolução*. op., cit, p. 74.

dentro da grande tradição que a Igreja herdou diretamente de Jesus Cristo e dos apóstolos.

Com relação ao tomismo tradicionalista, pode-se afirmar que, com a realização do Concílio Vaticano II, houve um crescimento do número de grupos que propagam as ideias e as posturas socioculturais oriundas dessa expressão do tomismo. Em grande medida, são grupos geralmente associados com a liturgia da Missa voltada ao silêncio, à oração e à contemplação, cognomina de *Missa Tridentina*, muitas vezes também chamada de Missa Antiga, Missa Gregoriana, Missa de Sempre, Missa Extraordinária, Missa de São Pio V, etc, embora suas preocupações filosófico-teológicas e práticas sejam de âmbito mais abrangente. Existem diferentes e distintos grupos de tradicionalistas. Alguns deles aceitam em termos gerais a legitimidade das mudanças associadas ao Concílio Vaticano II, apesar de considerarem abusos as mudanças posteriores influenciadas por ideias modernistas, em acordo com a atitude recente do magistério da Igreja, que considera que muitos teólogos e membros do clero, apelando para o *espírito do concílio*, desobedeceram às decisões conciliares. Porém, os grupos mais radicais, e nem sempre aprovados pela Santa Sé, acreditam que o próprio Concílio Vaticano II foi, em linhas gerais, ilegítimo, modernista e até mesmo herético. Por isso, a Igreja estaria agora em *estado de recessão*, passando pela maior crise de toda a sua longa história.

Em linhas gerais, é possível agrupar os diferentes e distintos grupos de tradicionalistas em três grandes, e nem sempre harmônicos, grupos. São eles: grupos aprovados, grupos semiaprovados ou em negociação para haver uma concordata com a Santa Sé, grupos *sedevacantistas*⁴⁵. Uma rápida síntese de alguns membros desses grupos está logo abaixo.

Grupos tradicionalistas

Grupos aprovados: Fraternidade Sacerdotal São Pedro (FSSP), Fraternidade Sacerdotal São Felipe Neri (FSSFN), Filhos do Santíssimo Redentor, Instituto de Cristo Rei e Suma Sacerdote, Instituto do Bom Pastor, Oratório de

45 O *Sedevacantismo* é o movimento, dentro da corrente tradicionalista, que considera que não existe validade doutrinal e canônica nos papas e nos bispos reconhecidos modernamente como legítimos. Portanto, teriam perdido a sua autoridade e legitimidade. Tais pessoas não possuem nem buscam a aprovação das autoridades da Santa Sé, mas antes lhes acusam de usurpação de cargos da Igreja. Os termos *sedevacantista* e *sedevacantismo* derivam da expressão latina *sede vacante*, que normalmente é aplicada ao período entre a morte de um papa e a eleição do seu sucessor. Os sedevacantistas normalmente datam a vacância do papado a partir da morte do Papa Pio XII, em 1958, embora alguns grupos considerem também o Papa João XXIII (1958-1963) como sendo um verdadeiro papa e, por isso, a *sede vacante* passaria a existir a partir de 1963.

Londres, Beneditinos da Imaculada, Franciscanos da Imaculada, a Administração Apostólica São João Maria Vianney e outros grupos.

Grupos semiaprovados ou em negociação para haver uma concordata coma Santa Sé: Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), Fraternidade Sacerdotal São Josaphat e outros grupos.

Grupos sedevacantistas: Sociedade Sacerdotal São Pio V (SSPV), Sociedade Sacerdotal Trento (SST), a Congregação de Maria Imaculada Rainha (CMRI) e outros grupos.

Durante e principalmente após o Concílio Vaticano II houve um conjunto, nem sempre harmônico, de líderes que, junto à crítica ao concílio e a defesa da tradição, promoveram o debate e a difusão do tomismo tradicionalista. Entre esses líderes, de projeção internacional, é possível citar, por exemplo, Marcel Lefebvre⁴⁶, Antônio de Castro Mayer, o qual defende que a “filosofia tomista, curva-se sobre a realidade, para apreendê-la como ela é, por isso, [...] torna-se a filosofia de todos os tempos”⁴⁷, Plínio Corrêa de Oliveira⁴⁸, o qual, no famoso livro de “metodologia histórico-filosófica”⁴⁹

46 Para uma visão do tomismo produzido por Marcel Lefebvre, recomenda-se consultar: LEFEBVRE, M. *A vida espiritual segundo São Tomás de Aquino*. Niterói: Permanência, 2006. Sobre a crítica que ele realizou ao concílio vaticano II e a sua defesa da tradição, recomenda-se consultar: CHALET, J. A. *Lefebvre: o bispo rebelde*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

47 MAYER, D. A. C. Carta Pastoral *Aggornamento* e Tradição. In: *Dom Antônio de Castro Mayer: quarenta anos de episcopado*. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Padres de Campos, 1988, p. 15.

48 Sobre a obra de Plínio Corrêa de Oliveira, profundamente influenciada e de forte conteúdo tomista, recomenda-se consultar: OLIVEIRA, P. C. *Baldeação ideológica inadvertida e diálogo*. 5 ed. São Paulo: Vera Cruz, 1974. OLIVEIRA, P. C. *Acordo com o regime comunista para a Igreja: esperança ou auto-demolição?* São Paulo: Vera Cruz, 1974. OLIVEIRA, P. C. *A Igreja do silêncio no Chile: a TFP andina proclama a verdade inteira*. 3 ed. São Paulo: Vera Cruz, 1977. OLIVEIRA, P. C. *A Igreja ante a escalada da ameaça comunista: apelo aos bispos silenciosos*. 3 ed. São Paulo: Vera Cruz, 1977. OLIVEIRA, P. C. *Tribalismo indígena, ideal comunio-missionário para o Brasil no século XXI*. São Paulo: Vera Cruz, 1977. OLIVEIRA, P. C. *Guerreiros da Virgem, a réplica da autenticidade: a TFP sem segredos*. São Paulo: Vera Cruz, 1985. OLIVEIRA, P. C. *A propriedade privada e a livre iniciativa, no tufão agro-reformista*. São Paulo: Vera Cruz, 1985. OLIVEIRA, P. C. *No Brasil, a reforma agrária leva a miséria ao campo e à cidade: a TFP informa, analisa, alerta*. São Paulo: Vera Cruz, 1986. OLIVEIRA, P. C. *Projeto de Constituição angustia o país*. São Paulo: Vera Cruz, 1978. OLIVEIRA, P. C. *Nobreza e elites tradicionais análogas nas alocações de Pio XII ao patriciado e à nobreza romana*. Porto: Civilização, 1993. Com relação a um estudo que investiga e analisa o tomismo de Plínio Corrêa de Oliveira, recomenda-se consultar: SANTOS, I. O tomismo limitante: o discurso-ação de Plínio Corrêa de Oliveira. In: *Aquinate*, Niterói, v. 9, p. 192-210, 2009.

49 SANTOS, I. *Atualidade de “Revolução e Contra-Revolução” de Plínio Corrêa de Oliveira*. São Paulo: Artpress, 2012, p. 33.

Revolução e contra-revolução, publicado em 1959, lança as bases filosóficas do tomismo tradicionalista. Para ele, desde o final do século XIV que o Ocidente vive um processo de decadência. A partir desse século a um retorno lento, porém gradual, aos valores do mundo pagão, ou seja, uma “admiração exagerada, e não raro delirante, pelo mundo antigo”⁵⁰ e o objetivo desse processo é “destruir o cristianismo”⁵¹ e, por conseguinte, criar uma “sociedade atea e leiga”⁵². E, por último, Rama Coomaraswamy⁵³, o qual denuncia o caráter anticristão da modernidade e propõe um reordenamento dos setores ligados a tradição numa perspectiva tomista, com o intuito de lentamente, ao longo dos próximos séculos, recristianizar o Ocidente neopagão.

No Brasil também houve grande desenvolvimento do tomismo tradicionalista, basta ver que importantes líderes internacionais dessa expressão do tomismo são brasileiros, como, por exemplo, Antônio de Castro Mayer e Plínio Corrêa de Oliveira. Além desses dois importantes intelectuais, é possível citar, como tomistas tradicionalistas relevantes oriundos do Brasil, o escritor, que fez muito sucesso nas décadas de 1960 e 1970, Gustavo Corção⁵⁴ e o ensaísta Orlando Fedeli⁵⁵, muito popular na década de 2010.

É preciso esclarecer que o tomismo tradicionalista é um movimento não harmonioso, com várias divisões internas e com objetos de análises diferentes. Por exemplo, o tomista Leonardo Castellani⁵⁶ faz uma análise da filosofia moderna e, a partir dessa análise, demonstra que a obra de Tomás de Aquino é uma real possibilidade de resolver e encaminhar os dilemas e problemas

50 OLIVEIRA, P. C. *Revolução e Contra-Revolução*. op., cit, p. 27.

51 OLIVEIRA, P. C. *Revolução e Contra-Revolução*. op., cit, p. 56.

52 OLIVEIRA, P. C. *Revolução e Contra-Revolução*. op., cit, p. 63.

53 COOMARASWAMY, R. *Ensaio sobre a destruição da Tradição Cristã*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. COOMARASWAMY, R. *The destruction of the Christian Tradition*. Bloomington: World Wisdom, 2006.

54 Sobre o tomismo de Gustavo Corção, recomenda-se consultar: CORÇÃO, G. *Gustavo Corção tomista: coletânea de textos de Gustavo Corção sobre Tomás de Aquino e o tomismo*. Niterói: Permanência, 2013. SANTOS, I. O tomismo de Gustavo Corção. In: *Aquinate*, Niterói, v. 1, p. 93-107, 2010.

55 Sobre a obra de Orlando Fedeli, profundamente influenciada por Tomás de Aquino, recomenda-se consultar: FEDELI, O. *Antropoteísmo: a religião do homem*. São Paulo: Celta, 2011. FEDELI, O. *Nos labirintos de Eco*. São Paulo: Veritas, 2005. FEDELI, O. *Carta a um padre: considerações acerca do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Veritas, 2000.

56 Sobre o tomismo de Leonardo Castellani, recomenda-se consultar: CASTELLANI, L. *Conversación y crítica filosófica*. In: *Cuadernos de Psicología*, Buenos Aires, Espasa Calpe, Argentina, 1941. CASTELLANI, L. *Antepólogo a la Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*. Mar del Plata, Instituto Peralta Ramos, Febrero de 1944. CASTELLANI, L. *De Kierkegaard a Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Guadalupe, 1973.

dessa forma de filosofia. Já o pensador Álvaro Calderón⁵⁷ utiliza a obra de Tomás de Aquino para demonstrar os limites e possíveis erros tanto do Concílio Vaticano II em si, ou seja, dos seus textos e documentos oficiais, como também erros na aplicação pastoral do concílio nas últimas décadas.

Além disso, o tomismo tradicionalista, muitas vezes, realiza uma crítica e até mesmo a negação de certos postulados do tomismo e de alguns pensadores tomistas. Por exemplo, seguimentos do tomismo tradicionalista fazem severas críticas ao tomismo de Jacques Maritain e do Papa Paulo VI⁵⁸, chegam a acusar esses dois expoentes do tomismo de serem anti-tomistas e de promoverem a destruição da fé cristã, da tradição e da Igreja.

Vale salientar, apenas a título de informação, que Jacques Maritain é reconhecido oficialmente como um dos maiores pensadores cristãos do século XX e o Papa Paulo VI apresentou e colocou Tomás de Aquino como modelo de estudos para os seminaristas católicos e para os estudantes das faculdades e das universidades católicas e leigas⁵⁹. Sem contar que, na carta pastoral *Lumen Ecclesiae*, publicada por ocasião do VII centenário da morte de Tomás de Aquino, o Papa Paulo VI apresenta a importância do Aquinate, pois, sem rodeios, ele “exalta ao máximo a dignidade da razão humana, oferece um instrumento valiosíssimo para a reflexão teológica e, ao mesmo tempo, permite desenvolver e penetrar, muito mais fundo, os temas doutrinários por meio de intuições deslumbrantes”⁶⁰. Também na *Lumen Ecclesiae*, o Papa Paulo VI reconhece que a modernidade é marcada por um amplo conjunto de erros filosóficos e doutrinários e que para corrigir esses erros é necessário, dentre outras coisas, seguir os postulados de Tomás de Aquino, pois “Santo Tomás ensina, assim como em outros casos, os erros que esses sistemas podem proporcionar e, ao mesmo tempo, os direcionamentos úteis para haver um aperfeiçoamento e o desenvolvimento constantes da doutrina tradicional e dá

57 Sobre o tomismo de Álvaro Calderón, recomenda-se consultar: CALDERÓN, A. *A candeia debaixo do alqueire*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009. CALDERÓN, A. *Prometeo: la religión del hombre* (Ensayo de una hermenéutica del Concilio Vaticano II). Buenos Aires: Fraternidade São Pio X, 2010. CALDERÓN, A. *Los umbrales de la filosofía – Cuatro Introducciones tomistas*. Buenos Aires: Edição do Autor, 2011.

58 Sobre as severas críticas que setores do tomismo tradicionalista fazem ao tomismo de Jacques Maritain e do Papa Paulo VI, recomenda-se consultar: DANIELE, A. O anti-tomismo nefasto de Maritain e Paulo VI na visão de Gustavo Corção. In: *ProRoma*, 2014, p. 1-4.

59 PAPA PAULO VI. *A mensagem do estudo da doutrina. Peregrinação à cidade onde São Tomás de Aquino morreu, 14 de setembro de 1974*. In: *Hora Presente*, São Paulo, ano VII, n. 73, novembro de 1974, p. 17-22.

60 PAPA PAULO VI. *Lumen Ecclesiae. No VII centenário de morte de Santo Tomás de Aquino*, n. 18. Cidade do Vaticano, 20 de novembro de 1974.

estímulos para a reflexão sobre pontos antes ignorados ou insuficientemente explicados”⁶¹.

Muito mais poderia ser investigado sobre o tomismo tradicionalista, uma vertente bem atuante do movimento tomista, mas isso foge ao objeto desse estudo.

3. A DIFERENÇA ENTRE TOMISMO TRADICIONAL E TOMISMO TRADICIONALISTA.

É possível se pensar e apontar muitas diferenças e pontos de atritos entre o tomismo tradicional e o tomismo tradicionalista. No entanto, para as ambições do presente estudo, serão apresentadas três diferenças entre essas duas correntes do movimento tomista.

A primeira diferença é a aceitação da modernidade como parte integrante da tradição. Sem entrar na discussão do início e dos limites da modernidade, afirma-se que para o tomismo tradicional a modernidade é parte integrante da grande tradição antigo-cristã que deu origem e formou o Ocidente moderno. Em certo sentido, o tomismo tradicional aproxima-se, sem exatamente concordar, com a tese do historiador Eric Hobsbawm⁶². Segundo essa tese, não se pode negar a origem greco-romana-cristã do Ocidente, mas também não se pode afirmar que uma tradição cultural é superior a outra. Ao longo da história e principalmente na modernidade, se formaram uma série de tradições culturais que tem elementos e raízes no mundo antigo-cristão, mas que, em muitos aspectos, são diferentes e até mesmo rompem com esse mundo. Por conta disso, a história seria uma espécie de sucessões de tradições que, em muitos sentidos, tem sua origem no mundo antigo-cristão, mas vão se modificando e superando esse mundo. Para Eric Hobsbawm a história seria uma espécie de linha reta para o futuro, para o progresso, e, por isso, não teria exatamente um fim ou algo semelhante.

Em muitos aspectos, o tomismo tradicional concorda com a tese de Eric Hobsbawm. Nesse sentido, essa expressão do movimento tomista vê a modernidade apenas como uma sucessão histórica, como um período dentro da história. Por causa disso, o tomismo tradicional reconhece que a modernidade é profundamente anticristã, secular, leiga e até mesmo um projeto de civilização sem Deus. No entanto, em grande medida, ele acredita que a história é guiada “pelo Espírito de Deus” (Romanos 8, 14) e que, daqui a alguns séculos, haverá uma mudança na estrutura sociocultural e o ser

61 PAPA PAULO VI. *Lumen Ecclesiae*. No VII centenário de morte de Santo Tomás de Aquino, op., cit., n. 18.

62 HOBBSAWM, E. A Invenção das tradições. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

humano e a sociedade voltarão novamente a serem orientados pela ética, pela reta filosofia e, em última instância, “terão um encontro com Deus” (Gêneses 27, 20).

Já a perspectiva do tomismo tradicionalista sobre a modernidade é bem diferente. Ele vê a modernidade como uma espécie de “maldição sobre o homem” (Deuteronômio 29, 20), um projeto de civilização anticristã e até mesmo anti-Deus, uma sociedade que trouxe o avanço da tecno-ciência, do comércio, das cidades e da melhoria dos padrões da vida humana, mas também, dentre outras coisas, elevou a morte a condição de produção industrial, que disseminou toda forma de cultura liberal, que promoveu o anticlericalismo e a cultura da destruição do casamento, da família e da natalidade, que difundiu a cultura da morte por meio do aborto, da eutanásia e do infanticídio, que anunciou a *morte de Deus* e, inclusive alicerçada por esse anúncio, perseguiu, de diversas formas, a Igreja e os cristãos.

O tomismo tradicionalista vê a história de forma tripartite, ou seja, existe o mundo greco-romano, que preparou o advento da vinda de Jesus Cristo e da Igreja, existe a Idade Média, que com todos os seus problemas se constituía como uma civilização cristã, e a modernidade, uma civilização anticristã que, em tese, pode ser a porta para a realização das profecias bíblicas do fim do mundo e da volta de Jesus Cristo.

Em certo sentido, o tomismo tradicionalista tem uma visão de finitude e até mesmo apocalíptica da história, pois, para essa vertente do tomismo, a história inicia-se com a criação do mundo por Deus, se desenvolve no mundo greco-romano, passa pela Idade Média e, até o presente momento, chegou à modernidade, que é um projeto civilizatório anticristão.

Por causa disso, para afirmar o desconhecimento do fim da história o tomismo tradicionalista parte do princípio bíblico, o qual afirma que, sobre esse assunto, “[...] ninguém sabe, nem os anjos no céu, mas unicamente o Pai” (Mateus, 24, 36). Além disso, inspirado nas palavras do Apóstolo Paulo, quando afirma: “Não vos conformeis com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento” (Romanos, 12, 2), essa facção do tomismo, apesar da história está se desenvolvendo e não se saber quando será o seu fim, critica e, ao mesmo tempo, propõe uma superação da modernidade. Essa superação, de alguma forma, seria por meio de um modelo civilizatório pós-moderno e cristão ou um retorno a cristandade medieval. Este *retorno* a Idade Média não seria feito de forma literal, uma volta ao passado, mas sim um retorno aos valores socioculturais, a mística e aos valores éticos do mundo medieval.

A segunda diferença é o Concílio Vaticano II. Para o tomismo tradicional o Concílio Vaticano II é mais um concílio dentro da longa história da Igreja. Assim como os concílios anteriores, esse concílio foi orientado pelo

Espírito Santo e suas mudanças seriam, em algum sentido, necessárias para que a Igreja continue caminhando ao longo da história, anunciando o evangelho, orientando os fiéis e promovendo a cultura clássica e a cultura cristã.

O tomismo tradicional reconhece que houve erros e excessos na aplicação do Concílio Vaticano II. Esses excessos foram praticados por setores do clero e do episcopado. Também reconhece que após o Concílio Vaticano II, em algum sentido, houve tentativas, algumas até sofisticadas, de agentes não cristãos e de ideológicas modernas anticristãs penetrarem dentro da Igreja e, com isso, influenciarem negativamente os fiéis, a formação do clero e as decisões de setores do episcopado.

No entanto, na leitura que o tomismo tradicional faz do Concílio Vaticano II, esses problemas sempre ocorreram na vida da Igreja, desde a geração apostólica, e esteve presente em todos os momentos em que a Igreja realizou um concílio. Logo, não são problemas exclusivos do Concílio Vaticano II. Sem contar que, mesmo diante desses problemas a Igreja continuou crescendo ao longo da história e continuou realizando a missão salvífica.

Além disso, o tomismo tradicional reconhece que existem graves erros na modernidade, mas isso não deve impedir a Igreja, o pensamento e o indivíduo de se abrir para o que há de positivo na modernidade e, ao mesmo tempo, tentar um frutífero diálogo com o lado positivo da modernidade. E na leitura que o tomismo tradicional faz do Concílio Vaticano II, esse foi o verdadeiro espírito do concílio, logo não há razões que possam justificar uma negação ou uma crítica mais radical sobre o concílio.

Para o tomismo tradicional o Concílio Vaticano II promoveu uma saudável abertura da Igreja aos bons valores da modernidade (democracia, combate a desigualdade social, etc) e as novas experiências pastorais, sejam essas experiências nos países do velho cristianismo (Europa, Oriente Médio, etc), do novo cristianismo (América Latina, etc) ou de terras de pregação para a Igreja (África, Oceania, China, Índia, etc).

Já o tomismo tradicionalista tem uma visão bem diferente do Concílio Vaticano II. Como afirmado anteriormente, existem diferentes e distintos grupos de tradicionalistas. Alguns deles aceitam em termos gerais a legitimidade das mudanças associadas ao Concílio Vaticano II, apesar de considerarem abusos as mudanças posteriores influenciadas por ideias modernistas e também consideram que muitos teólogos e membros do clero e do episcopado cometeram erros e excessos na aplicação do concílio. Outros grupos mais radicais, e nem sempre aprovados pela Santa Sé, acreditam que o próprio Concílio Vaticano II foi, em linhas gerais, ilegítimo, modernista e até

mesmo herético. Por isso, a Igreja estaria agora viciando a maior crise de toda a sua longa história.

As críticas que os grupos tradicionalistas fazem ao Concílio Vaticano II ainda estão sendo analisadas e repensadas por especialistas (filósofos, teólogos, sociólogos, etc). No entanto, o centro dessa crítica está localizado na disputada dos limites da modernidade. Até que ponto a Igreja e os cristãos devem aceitar ou repudiar a modernidade?

Até por criticar a modernidade, o tomismo tradicionalista vê com muita cautela, até chegar ao nível da rejeição, o espírito de diálogo que o Concílio Vaticano II promoveu com a modernidade e, por conseguinte, com os elementos hostis a Igreja e aos cristãos.

A terceira diferença é a dimensão prática, a inserção no cotidiano e a capacidade de influenciar a sociedade. É preciso ver que desde suas origens, no século XIII, o tomismo sempre foi uma escola filosófica profundamente preocupada com a dimensão da vida prática e, por conseguinte, lutou para influenciar a sociedade. Em grande medida, a origem desse espírito do tomismo é o realismo ôntico-ético-social encontrado no sistema aristotélico-tomista.

De um lado, o tomismo tradicional chega à segunda década do século XXI um tanto quando cansado. A geração de estudiosos tomistas que, na primeira metade do século XX, liderada por nomes, como, por exemplo, Étienne Gilson, Cornelio Fabro e Jacques Maritain, promoveu grandes ações socioculturais e grandes debates de ideias, ou morreu ou então está velha e tem dificuldades de continuar a luta e os ideais tomistas. Essa geração envelhecida está passando o seu lugar para uma nova geração de tomistas tradicionais, mas essa nova geração, por questões diversas, tem dificuldade de se afirmar no cenário sócio-político-filosófico internacional. Sem contar que em muitos ambientes universitários e culturais, inclusive dentro de ambientes da própria Igreja, cresce uma rejeição ao tomismo e as diversas ações e discussões derivadas dele. O tomismo é visto como uma filosofia cristã e pelo fato da sociedade moderna ser, em sua essência, secular e até ateia, o tomismo é rejeitado e até proibido em muitos espaços sócio-educativo-culturais.

Do outro lado, vê-se com alegria que as novas gerações têm profundo interesse pelo pensamento antigo e medieval, pela arte e música sacra, pela mística e pelo pensamento filosófico cristão. Durante o período que envolve as décadas de 1950 a 1980 houve uma verdadeira cultura de destruição da tradição, da filosofia cristã e até da própria Igreja. No entanto, o que se vê nas primeiras décadas do século XXI é um renascimento, por parte da juventude, pelo interesse em conhecer a tradição, a cultura cristã erudita, a doutrina e, no

campo da filosofia, em conhecer o (neo)tomismo.⁶³ Uma das consequências de todo esse movimento é um crescente interesse em torno do tomismo tradicionalista.

Em grande medida, a diferença central encontra-se no fato de atualmente o tomismo tradicional, pelos motivos expostos, ter dificuldade para promover a dimensão da prática, a inserção no cotidiano e a capacidade de influenciar a sociedade. Enquanto isso, o tomismo tradicionalista vive um momento de expansão e, com isso, tentar influenciar a vida sociocultural. O tomismo tradicionalista vive hoje inserido numa luta para recristianizar a Europa secularizada, procura difundir a cultura clássica, da qual a Igreja é herdeira e o seu depósito, procura criar e difundir um ambiente intelectual cristão nas universidades e demais centros de cultura, impulsionar a arte e a música sacra e, por último, dá um maior impulso ao processo de evangelização das culturas e povos ainda não alcançados pelo evangelho. É claro que o tomismo tradicional sempre fez e procura fazer isso, mas devido a uma série de problemas internos, tem dificuldade para atingir essa meta.

Por fim, afirma-se que outras diferenças poderão, em estudos futuros, serem apresentadas e analisadas. Além disso, tanto o tomismo tradicional como o tomismo tradicionalista têm seus erros e excessos, mas essas duas expressões devem ser vistas como uma prova da vitalidade do (neo)tomismo, uma prova que o (neo)tomismo é capaz de provocar grandes debates, disputas e polêmicas na sociedade, na Igreja e no campo das ideias.

63 POPE, C. Uma nova Igreja tradicionalista: é hora de promover o equilíbrio entre o passado e o presente. In: *Aleteia*, 22/05/2015, p. 2.